

TRÂNSITOS DISCURSIVOS EM UM SUJEITO MÚLTIPLO

Luiza Oliveira Cordiviola
(UFBA - Graduanda)

Lígia Guimarães Telles
(UFBA – Professora Titular)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Luiza Oliveira Cordiviola é Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: luizacordiviola@gmail.com</p> <p>Lígia Guimarães Telles possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas com Alemão pela Universidade Federal da Bahia (1970), graduação em Bacharelado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (1975), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1979) e doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2000). É Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: Judith Grossmann, crítica literária, crítica biográfica, narrativa e lírica. E-mail: ligiatelles@terra.com.br</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Desenvolvido no âmbito do projeto integrado “O escritor e seus múltiplos: migrações”, este trabalho parte da perspectiva de abordagem de um perfil de autor que, para além da atuação como escritor criativo, conjuga a docência em instituição de ensino superior à produção de teoria e crítica literárias. Com o intuito de compreender o seu projeto ficcional e discursivo, faz-se necessário recorrer a uma estratégia de leitura que dê conta não somente da análise isolada de suas publicações, mas do modo como se estabelece, no conjunto da sua produção, uma narrativa de cunho biobibliográfico (NASCIMENTO, 2011). Esta pesquisa investe, assim, na análise de entrevistas e depoimentos concedidos por Davi Arrigucci Jr., docente e crítico vinculado à Universidade de São Paulo que estreou em 2003 como escritor criativo, enfatizando a relação dialógica que pode ser estabelecida entre os campos em que atuou. Para tanto, procedeu-se a uma análise das entrevistas e depoimentos, extraídos de periódicos online e sites, privilegiando a investigação dos traços biográficos articulados ao perfil múltiplo do escritor e os elementos biobibliográficos que o evidenciam. Consideram-se, para isso, os pressupostos concernentes ao espaço biográfico, desenvolvidos por Leonor Arfuch (2010), especialmente a respeito das entrevistas midiáticas e narrativas biográficas.</p>	<p>Developed in the scope of the combined project The writer and his multiples: migrations, this work is dedicated to the study of a writer who, beyond producing as a fictionist, works as a docent in Brazilian universities and produces literary and cultural critique. Considering his presence in multiple knowledge fields, a reading strategy that unveils the presence of a biobibliographical (NASCIMENTO, 2011) aspect in his production becomes necessary for this study. This research invests in the analysis of interviews and testimonies granted by Davi Arrigucci Jr., professor and literary critic from the University of São Paulo, who launched as a creative writer in 2003. Aiming to emphasize the dialogical relation between those productive fields, it is imperative to proceed to an analysis that concentrates on the biographic traces related to his profile. Therefore, the theoretical assumptions concerning the biographic space, expounded by Leonor Arfuch (2010), have been utilized, especially regarding media interviews and biographical narratives.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Escritor múltiplo; Davi Arrigucci Jr.; Entrevistas e depoimentos	Multiple writer; Davi Arrigucci Jr.; Interviews and testimonies.



INTRODUÇÃO

Promover encontros entre criação, crítica e ensino, elegendo esta multiplicidade de campos de formação e atuação do escritor como um vetor de investigação para a sua obra atribui importância aos trânsitos discursivos que implementam e evidenciam o que se entende por perfil múltiplo. Pôr em contato essas dicções, investindo no modo como a discursividade deste sujeito é atravessada por capitais simbólicos das leituras e práticas atinentes às diversas atividades por ele desempenhadas, reflete na análise das dimensões discursivas acessadas em sua produção e nos discursos que a concernem.

Esses intercâmbios discursivos fazem pensar o modo como esse sujeito se apresenta a público e de que maneira se veicula a sua imagem, passível de transitar alternadamente entre os seus perfis produtivos. Essas indagações são pertinentes às manifestações de cunho dialógico e midiático, a exemplo das entrevistas e depoimentos, haja vista que os movimentos discursivos que integram tais textos enfatizam a necessidade de perceber “as *margens* em constante contaminação que se adiantam como lugar de trabalho do escritor e de resolução dos problemas da escrita criativa” (SANTIAGO, 2008, p. 174), potencializando e evidenciando as intersecções entre os ofícios.

A multiplicidade de um escritor não se esgota, portanto, na enumeração das atividades por ele desenvolvidas, extrapolando a dimensão numérica para adentrar o campo discursivo, em que se inscrevem os entrecruzamentos que explicitam sua posição enquanto enunciador teórico, crítico e cultural. Das interfaces entre atuações resulta uma obra marcada pela hibridez, que advém não só da possível presença de rastros biográficos em seus textos, mas, sobretudo, de uma porosidade entre os discursos teórico-crítico, docente e ficcional. Através dela é possível delinear de que modo as suas obras acenam para os diferentes campos do conhecimento no qual este escritor atua e para os modos de disseminação teórico-cultural mobilizados em sua práxis profissional.

Eleger esta multiplicidade como eixo axial para tensionar a postura discursivo-textual deste escritor implica refletir sobre as suas práticas também como leitor e autor, e, nesse sentido, acerca do modo como os tecidos culturais e simbólicos de sua produção expandem a própria concepção de texto, que se torna palco para “curtos-circuitos (...) entre criação, leitura e crítica” (AZEVEDO; MOLINA; VIDAL, 2018, p. 1). Os diálogos entre esses vários lugares acessados pelo escritor múltiplo compreendem a dimensão experiencial da docência, metaforizada por Silviano Santiago nos termos de um “mal-de-docente que ronda, infecta e prostra o artista pós-moderno” (SANTIAGO, 2008, p. 254), assinalando o modo como as práticas e ofícios desses escritores se inscrevem em uma rede enunciativa de caráter expansivo e permeável.



O abalo de fronteiras e expansão na malha textual constitui um campo em que as escrituras inventiva, teórico-crítica e docente equilibram forças na construção da figura autoral, que atravessa o discurso acerca de si em entrevistas e depoimentos. Nesse sentido, os domínios discursivos mobilizados por esses escritores em suas diversas manifestações textuais reverberam nas operações narrativas que se empenham no discurso sobre o eu, manuseadas no espaço biográfico, densamente estudado por Leonor Arfuch (2010), em que se velhas e novas formas de construção biográfica se articulam e travam diálogos. Sob a forma de intercâmbios discursivos, a narrativa que se perfaz nos textos midiáticos suscita a reflexão acerca do modo como a imagem pública do sujeito se estrutura nesse âmbito dialógico a partir de trânsitos não necessariamente lineares entre os seus perfis produtivos, que se revelam amalgamados em sua fala.

Na agenda dessa análise é produtivo levar em consideração os contextos sócio históricos e produtivos em que se enquadram os escritores múltiplos. No que diz respeito a Davi Arrigucci Jr., profissionalmente vinculado à Universidade de São Paulo, importa ressaltar o elemento da temporalidade, uma vez que sua estreia como escritor criativo se deu notoriamente em 2003 com a publicação da novela *Ugolino e a Perdiz*, momento em que sua atuação como docente e crítico literário já era amplamente reconhecida e consolidada no cenário brasileiro.

Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo, que lhe outorgou o título de Professor Emérito em 2011, Arrigucci tem seu percurso acadêmico marcado pela presença do ambiente acadêmico. Nesse contexto, Davi Arrigucci Jr. está filiado a uma notável geração vinculada àquela instituição, composta por estudiosos que desenvolveram parte de seus estudos em contato com a prática textual de Antonio Candido, cuja produção é modular para Arrigucci. Esse grupo, caracterizado por Roberto Corrêa dos Santos (1992) como uma potência crítica, fez-se marcante por trabalhos “que analisam e decifram pontos diversos da nossa natureza estético-político-cultural [e que], num certo sentido, (...) indica os rumos predominantes da reflexão crítico-literária do país” (SANTOS, 1992, p. 93).

Ao enfatizar a posição privilegiada que a crítica literária da USP assumiu no cenário brasileiro, Roberto Santos dá ênfase às particularidades da abordagem proposta por Arrigucci. Amplamente reconhecido pela sua atuação crítica, renomada pelo tratamento cuidadoso do material literário, o trajeto crítico de Davi Arrigucci Jr. se destaca por trabalhos diversos, enfaticamente pelos estudos relativos à literatura hispano-americana. Na análise de Santos, o teórico se particulariza por uma postura própria, centrada na relação com o texto, assinalando o perfil de “atento leitor da obra de Júlio Cortázar e das obras menos tratadas nos estudos de literatura brasileira” (SANTOS, 1992, p. 93). Nesse espectro, Santos situa a relevância do seu operar como pesquisador e leitor pelo “seu interesse por gêneros literários desprezados (...) e pelos poetas e prosadores que tematizam



o trivial, o cotidiano, o simples, a oralidade, muito têm influenciado as pesquisas universitárias últimas” (SANTOS, 1992, p. 93-94).

O perfil leitor de Davi Arrigucci Jr., apontado por Santos (1992), se apresenta como uma coordenada central à sua produção. Constantemente retomada pelo crítico em suas entrevistas e depoimentos, essa prática é tida como responsável por motivar a sua ação docente e atravessar transversalmente a sua atuação profissional. Em entrevista à *Remate de Males* (2007), revista da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Davi Arrigucci retoma algumas de suas leituras na juventude, e conclui: “eu virei professor de literatura um pouco levado por esse fascínio [pela leitura]. (...) A criação do hábito de leitura foi para mim uma atividade essencial na constituição do meu caráter.” (ARRIGUCCI JR., 2007, p. 309).

Considerando esta multiplicidade de temas e motivos que perpassam as entrevistas selecionadas para análise, a abordagem que se adotou diante deste material procurou dar conta não somente da identificação de uma permeabilidade entre as atividades integrantes do seu perfil múltiplo, mas do mapeamento e compreensão do diálogo possível de ser estabelecido entre elas. Desse modo, fez-se necessário perceber o modo como o diálogo entre as atuações instaura uma tensão produtiva, que se incorpora à obra não somente pela intersecção entre dados textuais e biográficos, mas pelo modo como os ofícios transitam na enunciação discursiva deste sujeito. É pertinente ressaltar também o elemento da temporalidade, relativo à progressão temporal dos ofícios desse sujeito durante a sua carreira, articulada pela sua vivência como leitor, que atravessa todas as suas produções.

A análise realizada percorreu as veias discursivas do referido escritor nos textos selecionados, dispensando atenção ao modo como a construção deste perfil está articulada em sua fala. Não se trata de precisar a influência que cada atividade exerce nas demais, mas de perceber o entrecruzamento dos ofícios a partir da construção narrativa que se costura no discurso do eu, entendido como um esforço autobiográfico, contextualizando ainda as entrevistas midiáticas e suas possibilidades discursivas no âmbito da escrita de si.

DIMENSÕES DISCURSIVAS DO SUJEITO MÚLTIPLO

A multiplicidade no perfil de um escritor se apresenta como uma possibilidade de leitura para a sua obra que privilegia o entrecruzamento dialógico entre os seus ofícios e busca reconhecer os ecos dessa relação em seus textos. Este alinhavar discursivo está na base dessa leitura da figura autoral e perpassa manifestações textuais diversas, nas quais é possível mapear a composição de uma narrativa que articula biografia e bibliografia a partir dos trânsitos epistemológicos que atravessam o seu discurso.



A leitura transversal que se executa diante desses textos-palco promove uma investigação das relações intertextuais e interdiscursivas que se estabelecem, buscando conceber as várias atuações desse sujeito como manifestações discursivas, e assinalando o lugar da autoria como um campo de “recepção e da produção transdisciplinar, (...) uma instância de passagem, em que são articulados e retransmitidos diversos discursos” (NASCIMENTO, 2011, p. 1).

Os espaços ocupados por esses escritores, que acessam em sua prática textual diversas “ordens de discurso” (HOISEL, 2019, p.12), compõem as suas obras através de uma escrita expandida, em que o texto não se enquadra enquanto sistema cerrado, mas como um tecido em que se acomodam significantes que desdobram de suas várias práticas como leitor e profissional. É possível esboçar esses entrecruzamentos sob a forma de uma narrativa biobibliográfica, nos termos trabalhados por Evando Nascimento (2011), em que se tem uma biografia “menos factual do que bibliográfica, uma biobibliografia, portanto” (NASCIMENTO, 2011, p. 1), na qual o autor emerge como um “dispositivo tanto pessoal quanto impessoal, no limite do anonimato” (NASCIMENTO, 2011, p. 1).

O anonimato ao qual alude Nascimento pode ser pensado pelo viés de uma potência do dizer de si, que vai além da verificação de gêneros de caráter discursivo e se firma nessa narrativa, apresentada sob a forma de uma rede experiencial, que compreende o percurso teórico-crítico, docente e ficcional do sujeito, assinalando o cunho eminentemente transversal da sua trajetória. Composta por essa teia de elementos biográficos, sinalizando para uma conjunção de aspectos concernentes à biografia e à bibliografia, essa narrativa é base para uma leitura que utiliza o categorema de múltiplo como eixo para tentar “dar conta de um conjunto extremamente disperso de noções, valores e dispositivos factuais e transcendentais” (NASCIMENTO, 2011, p. 2).

Nesse sentido, as ordens de discursos mobilizadas por esses escritores encontram espaço de criação e reedição no âmbito midiático, em que os escritores “definem e apresentam a própria concepção acerca do fazer literário” (HOISEL, 2019, p. 12). É ainda o que Azevedo, Molina e Vidal apontam como o trabalho de “curadoria de si próprio e de sua obra” (AZEVEDO; MOLINA; VIDAL, 2018 p. 12), movimento auto reflexivo realizado pelos escritores contemporâneos e acionado em entrevistas e depoimentos, em que os sujeitos múltiplos recriam “anotações, lembranças, [e] vivências (...) da pessoa que se imagina que se é ou foi” (AZEVEDO; MOLINA; VIDAL, 2018, p. 12).

Nas entrevistas com um escritor múltiplo coexistem os seus perfis de crítico, ficcionista e docente, articulados por traços biográficos que evidenciam as interfaces discursivas. Combinados em uma narrativa biográfica, estes elementos desaguam em uma malha textual que “poderá se tornar indistintamente biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória [e] testemunho” (ARFUCH, 2010, p. 151). É



exatamente nesse ambiente que emergem, amalgamados, os perfis produtivos, que se evidenciam na narrativa que se desenha não só nesses textos, mas em um largo espectro de produções do escritor, que tem em Davi Arrigucci Jr., sua produção ficcional como significante expressivo.

Nesse cenário de curadoria de si, a condição múltipla de Davi Arrigucci Jr. se apresenta como “um projeto intelectual polifônico, em que múltiplos campos dialogam articuladamente sem perder a especificidade de cada um.” (ALAIM, 2017, p. 317), uma vez que, ainda que as pistas textuais e discursivas dos seus textos apontem para os diálogos entre seus ofícios, perceber a autonomia destas produções é fundamental para a compreensão do seu perfil. Diante dele é imprescindível considerar o aspecto temporal, uma vez que a sua aposentadoria na Universidade de São Paulo, da qual foi docente por mais de 30 anos, é anterior a sua estreia como escritor criativo.

A leitura emerge, em Davi Arrigucci Jr., como biografema produtivo em seu discurso biobibliográfico, veiculado em depoimentos e entrevistas, em que alude à formação do hábito de leitura e assinala os principais agentes relacionados a esse processo no âmbito familiar, pessoal e profissional. Essa prática é responsável pelo reconhecimento de que “o crítico, como o leitor, pode ser feliz, mas não deve se comprazer na tranquilidade. Se o apreço juvenil pelo romanesco ainda sobrevive, sob forma de simpatia irônica com uma ponta de nostalgia, como a base da descoberta do literário (*O rocambole* está aí para prová-lo)” (ANDRADE, 2011, p. 16).

Desse modo, a leitura se atesta o elemento fundamental à composição do perfil múltiplo de Davi Arrigucci Jr., pois, além de estar diretamente relacionada à sua atuação como docente, crítico e escritor, está associada a uma bagagem de leitura - literária e de mundo - que não se anula diante de determinada proposta de emprego discursivo, gerando cruzamentos discursivos que evidenciam o seu perfil.

OPERAÇÕES BIOGRÁFICAS EM ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

Situada nessa rede enunciativa, em que se inscrevem movimentações inerentes à perspectiva da multiplicidade, os depoimentos e as entrevistas, gêneros textuais de cunho eminentemente discursivo, solicitam uma leitura a contrapelo, pois atendem à agenda dialógica de um largo espectro de campos predicativos e sociais. Esses textos se enquadram em um “espaço enunciativo midiático (...) da construção dialógica, triádica ou polifônica das ‘autobiografias de todo o mundo’” (ARFUCH, 2010, p. 63), enfaticamente como manifestações que evidenciam e integram o espaço biográfico do sujeito.

Estes espaços de discursividade emergem nos relatos das entrevistas e depoimentos, em que o escritor desempenha o papel de crítico e leitor na execução de uma leitura atenta



dos seus dados biográficos, ali elencados não a título de recuperar os “fatos comezinhos de uma grande vida, mas sim de entender como mundo e criação literária estabelecem relações de tensão entre si” (NASCIMENTO, 2011, p. 4).

O espaço das entrevistas e depoimentos constitui, assim, um campo de operação de biografemas e de ficcionalização do eu, inscrevendo-se na rede enunciativa do projeto teórico-criativo do escritor múltiplo através da mobilidade discursiva. Estes textos constituem um palco de operações enunciativas e ficcionais em que o “autor plenamente autoidentificado é natimorto, pois incapaz de assumir diversas máscaras sem as quais não há autoria: vozes narrativas, personagens, sujeitos poéticos, (...) personas ensaísticas, biográficas, sociais, em suma, máscaras de toda ordem” (NASCIMENTO, 2011, p.2).

No tocante às possibilidades discursivas da entrevista, é possível situá-las a partir da metáfora de Silviano Santiago, que, ao entender o sistema literário brasileiro nos termos de um rio subterrâneo, alude às suas margens como a fração da sociedade que, embora comporte o curso do rio, não mantém contato direto com ele (SANTIAGO, 2008, p. 14). A literatura, nessa perspectiva, não contempla a sociedade brasileira em sua totalidade, mas a atinge indiretamente através da imagem do autor, evidenciada por veículos midiáticos, a exemplo das entrevistas e depoimentos, que concedem um “vislumbre possível da interioridade e (...) de uma verdade não apreensível por outros meios, (...). É sobre essa valorização da presença e os ecos que ela desperta” (ARFUCH, 2010, p. 157).

Santiago se dedica ainda à análise da figura autoral no imaginário brasileiro, situando as entrevistas como um motor de aproximação entre a imagem do autor e a população, uma vez que “serve ao escritor de trampolim para discussões públicas sobre ideias implícitas na obra literária” (SANTIAGO, 2002, p.14), endossando o consumo dessa construção imagético-discursiva. A partir dessa análise, o crítico sinaliza para a potência discursiva da entrevista, uma vez que, “se as margens do rio metafórico (...) passam ao largo do livro, elas acabam por se aproximarem indiretamente dele pelo viés da entrevista” (SANTIAGO, 2002, p. 14).

A percepção de Santiago acerca desse potencial da entrevista, capaz de ser motor para a aproximação entre escritor e leitor, encontra eco na análise dos devires biográficos que nela afluem, empreendida por Leonor Arfuch, que compreende estes textos como potências discursivas que têm a capacidade de congregiar os elementos integrantes do discurso autobiográfico sob uma forma acolhedora para as demandas do contemporâneo, marcado essencialmente pela ausência e pela distância, situando a “entrevista enquanto forma paradigmática na configuração contemporânea do espaço biográfico.” (ARFUCH, 2010, p. 157). Essa perspectiva última conflui com o posicionamento de Santiago, acerca do modo como a entrevista se incorpora à face distante do contemporâneo.



Os textos midiáticos guardam desafios à sua análise, pois ainda que os dados biográficos se apresentem como alicerces possíveis a uma leitura, o que neles se constrói é também uma narrativa, que fornece um panorama discursivo alinhado à visão dessa “biografia [que] nunca será ‘unipessoal’ (...) [e] envolverá necessariamente à relação do sujeito com o seu contexto imediato, aquele que permite se situar no (auto)reconhecimento” (ARFUCH, 2010, p. 141), implementando ainda a presença do leitor como um participante do diálogo.

É imperativo perceber, ainda, que esses trânsitos discursivos estão na base da figura autoral, no sentido de que “esse lugar disperso da enunciação constitui toda a riqueza autoral, e por mais que sua morte tenha sido encenada, com justos motivos, nas últimas décadas, ele sobrevive a sua própria ruína” (NASCIMENTO, 2011, p. 2). Sendo assim, ao analisar as entrevistas de Davi Arrigucci Jr., é notória a tendência para a construção de uma narrativa que assinala a centralidade do ambiente universitário, e os aspectos referentes a esta vivência, seja na condição de aluno, estagiário docente, especialmente de Antonio Candido, ou no precoce início da sua atuação como professor, ainda aos 21 anos, até a outorga do título de Professor Emérito em 2011.

A entrevista se apresenta como “uma forma peculiar que parece concentrar as funções, tonalidades e valores - biográficos - reconhecíveis aqui e ali nos diferentes gêneros” (ARFUCH, 2010, p. 151), tendo seu poder expresso, principalmente, pela possibilidade de incluir a subjetividade de um sujeito extradiegético, próprio leitor, nesse espaço de discursividade.

A potência das entrevistas e depoimentos se desdobra, assim, na possibilidade de acessar os domínios da presença, da subjetividade e da intimidade, constituindo um campo ficcional expansivo da escritura de si. Na voz do escritor múltiplo, o discurso teórico-crítico se ficcionaliza pelo seu exercício de leitura atento, que se manifesta em uma latente autoconsciência literária, perceptível no âmbito midiático. Este constitui um campo de disseminação do seu “projeto intelectual” (HOISEL, 2019, p. 9), em que se delineia uma narrativa entrelaçada pelos trânsitos epistemológicos que articulam o discurso desse escritor que se desdobra em diversas tarefas interseccionais.

Importa perceber, no tocante à centralidade do elemento literário, a relevância da temporalidade, que se apresenta nos relatos como “eixo modelizador da (...) experiência” (ARFUCH, 2010, p. 116), e se atesta fundamental à percepção do modo como seu perfil produtivo foi constituído e articulado ao longo de sua carreira. Este entendimento possibilita ainda uma leitura mais ampla do material selecionado, uma vez que é auxiliar à constituição e encadeamento da narrativa biobibliográfica que se apresenta nos textos. Aliada a esta percepção, enfatiza-se a centralidade da literatura como elemento base à



constituição dessa narrativa. É esse olhar leitor que dirige os deslocamentos no texto, que circunscrevem ainda o lugar do biográfico no esforço do dizer de si.

TRÂNSITOS DISCURSIVOS EM UM SUJEITO MÚLTIPLO

No perfil múltiplo de Davi Arrigucci Jr. a leitura é o elemento que se destaca por perpassar suas áreas de atuação, estabelecendo intersecções entre os perfis. Do mesmo modo como é possível perceber, em seu labor crítico, uma estreita relação com esta prática, ela é responsável por aglutinar os seus ofícios, que emergem fortemente amalgamados no seu texto ficcional. Essas aproximações, salvo as devidas particularidades, enfatizam o seu perfil múltiplo como um espaço de transversalidade, aproximando-o dos percursos de leitura que trilhou no decorrer dos anos e da carreira.

Junto à centralidade da leitura em sua produção o predomínio do ensaio emerge também como símbolo, constituindo, no bojo de sua produção, um dos emblemas discursivos para o entendimento do seu perfil. Na condição de um texto que enfatiza o conhecimento em processo, o ensaio reivindica a inclusão discursiva do indivíduo. Nele, o escritor invade a cena, e não oculta as suas marcas de leitura, de modo que não há intenção de dispensar ou eliminar o lugar do crítico como leitor, docente ou escritor. Os ecos dessa forma textual estão presentes nas produções desse escritor, apresentados sob a forma de um “empuxo ensaístico”. (ARRIGUCCI JR., 1997, p. 27).

No âmbito de tais entrecruzamentos, essa ficção, ensaística por excelência, aproxima-se do ensaio pelo componente criativo que esse gênero textual oferece. A abertura desse texto, que articula a literatura a outras instâncias do conhecimento, teórico e experiencial, “lida com a experiência de todo dia (...) é um espaço onde você pode devanear às soltas, e ao mesmo tempo ser extremamente rigoroso, porque busco muito a precisão” (ARRIGUCCI JR., 1997, p. 27).

Esse equilíbrio, assimilado à obra pelo trabalho cuidadoso com as potências críticas e criativas que se articulam no texto, demarca o ambiente híbrido de discursividade que atravessa essa produção. Essa harmonia é fluida e não neutraliza a individualidade de sua prática crítica, ensaística ou ficcional, mas permite identificar vetores de discursividade que se articulam à intersecção entre estes ofícios, mapeados também nos textos midiáticos. É nesse sentido que emerge o traço ensaístico na sua iminência artística, tensionando a liberdade criativa e a precisão crítica.

Essa presença do ensaio imprime à obra uma potência observacional da crítica, que vai além do que Julián Fuks situa como uma auto análise imanente ao ato de escrita, quando defende que “todo escritor em alguma medida tem algo de crítico literário, nem que seja crítico da própria obra” (FUKS, 2016, p. 1). O que se percebe em Davi Arrigucci Jr. é a inscrição de sua literatura a uma rede de conhecimentos e práxis atinentes ao exercício da



crítica literária, de modo que a sua condição como escritor múltiplo extrapola o olhar questionador que o autor naturalmente lança sobre sua obra, pois acessa a crítica literária no seu domínio institucional, no bojo daquela que Leyla Perrone-Moisés caracteriza como a “crítica universitária” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 61). O categorema trabalhado pela teórica associa, fortuitamente, o ambiente da academia, e sua discursividade, à produção crítica.

A escrita criativa arrigucciana não está, portanto, descolada do seu percurso de leitura e do seu trajeto profissional, uma vez que as preferências e procedimentos de leitura mapeados por Santos se apresentam nos entrecruzamentos dialógicos que integram a sua malha textual. Em *Ugolino e a Perdiz* (2003) e *O rocambole* (2005) é possível perceber notavelmente uma transversalidade biobibliográfica e as tendências temáticas e discursivas que integram a narrativa veiculada nos materiais selecionados e nas análises de Roberto Santos.

Em *Ugolino e a Perdiz* (2003), o narrador se dedica ao relato de uma caça que extrapola a dimensão circunstancial e se imbrica ao cotidiano, convertendo-se em um emblema à vivência humana e à própria literatura, pois imprime questionamentos aos movimentos narrativos e discursivos. Essa caça a um objeto fugidio, ausente, está vinculada a outro plano e extrapola a condição física, transitando pelo espaço limítrofe da experiência e da memória humanas, do cotidiano e da própria literatura. Além de acenar para biografemas do escritor, é possível perceber, na temática e na construção narrativa, o entrecruzamento de discursos referentes aos ofícios, sinalizando para o seu perfil múltiplo.

A caça descrita transita para uma dimensão universal a partir da temática, “épica por excelência, (...) o fundamento da narrativa” (ARRIGUCCI JR., 2003, p.1), e se imbrica ao campo individual: “agora uma caçada em que o objeto some é diferente. Tem uma ideia aí de passar do fogo para o ar, uma transformação, e isso me exprimia de uma forma.” (ARRIGUCCI JR., 2003, p.1).

Expressivas componentes da ficção arrigucciana, essas flutuações imprimem à malha textual uma alternância constante entre as instâncias universal e individual, compondo uma relação pendular que se aplica, sobretudo, às temáticas e ao tratamento a elas conferido. Esse intercâmbio confere à obra uma intermitência, que pode ser associado à bagagem desse escritor múltiplo, consciente das movimentações narrativas, mas que, na ficção, cunha um espaço de liberdade, no qual se percebe uma porosidade, que admite a presença do escritor como leitor.

A presença do seu perfil como leitor admite o estabelecimento de um entrelugar discursivo, em que coexistem o vasto conhecimento teórico-crítico, marcante nos ecos de Dante Alighieri em *Ugolino e a Perdiz*, e a possibilidade de que haja um “discípulo de Ugolino. Não (...) [do] Ugolino de Dante, perdido eternamente nos círculos infernais de sua



tragédia, mas a meu Ugolino, caçador elegíaco que viu perder-se intacta no ar a mais bela, a única, a última perdiz de minha terra.” (ARRIGUCCI JR., 2011, p.32).

No âmbito dessas flutuações, ainda que o texto carregue as marcas de um narrador fluido, habilidoso e consciente dos movimentos narrativos, a ficção de Arrigucci crava uma distância em relação às suas outras produções, notadamente no emprego linguístico. Recorrentes em certa medida, palavras consideradas de baixo calão são empregadas na sua malha textual. Recorre-se ainda à presença hábil do chiste, também distante da sua produção e postura teórico-crítica e docente, mas que encontra espaço nesta novela, posto que ela se detém à narração de uma “caçada que não vai dar certo. É uma história meio bocacciana. Nesse sentido, o humor é muito revelador. Dá o lugar do humano. O personagem não é mito. Não é o trágico nem o sublime. Tem de ficar no lugar do homem.” (ARRIGUCCI JR., 2003, p.1).

A liberdade promovida pela ficção repousa nessas distâncias, e está articulada ainda ao contexto em que essa atividade é desenvolvida, uma circunstância de afastamento das atividades institucionais relativas à universidade, portanto um momento produtivo de maior liberdade de decisões, em que a escrita emerge como um ato “muito mais fácil e libertário do que imaginava. Senti um prazer que não sentia no ensaio.” (ARRIGUCCI JR., 2003, p.1).

A malha textual da ficção de Arrigucci assinala esse novo momento de sua produção, de modo que, ainda que possam ser estabelecidas conexões entre a prática da escrita e de produção de ensaios de crítica, que, “embora narrativo, depende de um movimento de identificação com o objeto. (...) Você precisa dominar o assunto de todo lado para dizer algo. Na ficção não. É uma liberdade tremenda.” (ARRIGUCCI JR., 2003, p.1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do perfil múltiplo de Davi Arrigucci Jr. não se limita ao entendimento da articulação entre as práticas teórico-críticas, docentes e ficcionais, mesmo porque estas não são temporalmente coincidentes em sua trajetória profissional. A conjunção de ofícios que assinala a multiplicidade desse sujeito repousa no campo discursivo, no qual se inscrevem circunstâncias dialógicas diversas, dentre as quais se destacam entrevistas e depoimentos, textos midiáticos que oferecem a possibilidade de refletir sobre o modo como um escritor se apresenta a público e de que modo ele constitui uma narrativa que diz respeito à associação entre aspectos biográficos e bibliográficos tecendo, portanto, uma biobibliografia. Nesta, articulam-se os múltiplos campos que integram a polifonia produtiva deste ator cultural.



Conforme assinala Andrade (2011), é no campo ficcional que enfaticamente se percebem os entrecruzamentos entre os ofícios de Arrigucci, especialmente pela questão temporal, uma vez que o crítico somente estreou como escritor criativo em 2000, com a publicação do conto “A viagem”, e mais notoriamente em 2003, com a novela *Ugolino e a Perdiz*, e em 2005, com *O rocambole*. Estes lançamentos sinalizam ainda para um novo momento produtivo, em que o escritor, já aposentado da Universidade de São Paulo, pôde dedicar mais tempo à escrita, crítica e ficcional, conforme relata em algumas das entrevistas analisadas, configurando assim uma circunstância de reflexão acerca da sua trajetória.

A construção autoral se apresenta, para Arrigucci, como um conjunto de elementos e experiências acumuladas ao decorrer da vida e carreira, sobre a qual, acredita depender:

de muita coisa na vida, de uma experiência que se alimenta dos livros, mas também do trato com os homens e dessa lenta assimilação do vivido que é tão difícil de definir como tantas coisas fundamentais em nossa relação com o mundo e suas mudanças (ARRIGUCCI JR., 2011, p. 21-22)

O artista enfatiza, assim, a bagagem experiencial imbricada à sua compreensão da construção autoral. Esse traço aglutinante da autoria, relacionada à leitura e própria à sua reflexão a respeito da experiência humana, está presente em seus textos, que articulam diálogos temáticos entre docência e crítica, leitura e escrita ficcional, ficção e crítica, atravessadas por biografemas que se apresentam, a título da sua biobibliografia, articulados a uma ampla bagagem de leitura, evidentes em um trabalho cuidadoso e intencional com o texto literário, ao qual Davi Arrigucci Jr. dispensa notável atenção.

O seu perfil múltiplo se apresenta, finalmente, como esse compilado de vivências, narradas midiaticamente a partir de baremas experienciais, dentre os quais a leitura se destaca como eixo axial, ao qual se articulam as outras atividades e produções, que se interpenetram continuamente na sua escrita, múltipla.



REFERÊNCIAS

ALAIM, P. A voz pedagógica na polifonia de Haroldo de Campos. In: HERRERA, A.; HOISEL, E.; TELLES, L. (Org.) **Rotas, Trânsitos, Migrações: ensaios de literatura e cultura**. Salvador: EDUFBA. 2017. P. 317-334.

ANDRADE, F. de S. Saudação ao homenageado. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Outorga de título de professor emérito a Davi Arrigucci Jr.** 2011. Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2018-01/davi_arrigucci_emerito.pdf> p. 13-18. Último acesso em 03/10/2019 às 13h16.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2010.

ARFUCH, L. Antibiografias? Novas experiências nos limites. In: SOUZA, E. M. de; TOLENTINO, E. da C.; MARTINS, A. B. (Org.) **O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012. P. 13-27.

AZEVEDO, L.; MOLINA, C.; VIDAL, P. Autoria na cultura do presente: apresentação. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília. N. 55. P.11- 16. Set/dez 2018.

ARRIGUCCI JR., D. **Ugolino e a Perdiz**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

_____. **Busca de sentido à vida levou Davi Arrigucci à ficção**. São Paulo. 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1211200307.htm>> Último acesso em 12/02/2019. Entrevista concedida à reportagem local da Folha de São Paulo.

_____. Entrevista com Davi Arrigucci Jr. In: **Literatura e Sociedade**. V.12, n.10, p.245-254. São Paulo. 2007. Entrevista concedida, inicialmente, à Revista Brasileira de Psicanálise. V.5, n.1, 2005.

_____. A leitura como uma forma de felicidade: entrevista com Davi Arrigucci Junior. In: **Remate de Males**. Campinas. 2007. P.208- 312. Entrevista concedida a Walther Castelli Júnior.

_____. Entrevista com Davi Arrigucci Jr. In: **Magma**. N.4, p.13-40. São Paulo. 1997. Entrevista concedida a Neide Luzia de Rezende e Airton Paschoa.

FUKS, J. **“O Brasil é incapaz de refletir sobre o seu próprio passado”, diz Julián Fuks**. Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/o-brasil-e-incapaz-de-refletir-sobre-seu-proprio-passado-diz-julian-fuks> 2016. Último acesso em 08/10/2019 às 11h13. Entrevista concedida a Paula Pires.

HOISEL, E. Introdução: o escritor múltiplo na cena contemporânea. In: _____. **Teoria, crítica e criação literária. O escritor e seus múltiplos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2019. P. 9-26.



NASCIMENTO, E. **Retrato do autor como leitor**. 2011. Disponível em: <http://evandonascimento.net.br/ensaios/retrato_do_autor_como_leitor.pdf> Último acesso em 01/06/2019.

PERRONE-MOISÉS, L. A crítica literária. In: _____. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras. 2016. 1ª reimp. P. 60-69.

SANTIAGO, S. Uma literatura anfíbia. In: **Alceu**. V.3, n.5, p.13-21. Rio de Janeiro. 2002.

_____. Meditação sobre o ofício de criar. In: **AletriA**. V.3, n.5, p.13-21. Belo Horizonte. 2002.

_____. Epílogo em 1ª pessoa. Eu & as galinhas d'angola. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008. 1ª reimp. P. 241-251.

SANTOS, R C. dos. A crítica literária no Brasil (últimos quinze anos). In: **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**. Belo Horizonte. N. 26. 1992. P. 85-97.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Outorga de título de professor emérito a Davi Arrigucci Jr**. São Paulo. 2011. Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2018-01/davi_arrigucci_emerito.pdf>. 32 p. Último acesso em 31/05/2019.

Título em inglês:

DISCURSIVE TRANSITS IN A MULTIPLE WRITER